



O ENSINO RELIGIOSO INTERFACES COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Maria Edjane Paixão¹

Eunaide Monteiro²

edpaixao00@yahoo.com.br

eunaidemonteiro28@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho pretende refletir a inclusão a partir do ensino religioso tendo como referencial a educação problematizadora abordada por Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*. Nossa reflexão aborda o ensino religioso a partir do aporte das Ciências da Religião que defende a interpretação do fenômeno religioso com base na transdisciplinaridade. As mudanças de modelo de Ensino Religioso (ER), inicialmente catequético e dogmático, depois teológica, em seguida epistemológico nos dão suporte para fazer uma reflexão comparativa com a abordagem de uma educação problematizadora de Freire e o Ensino Religioso fundamentada nos estudos das Ciências da Religião, isso significa pensar a inclusão a partir de uma educação que defende os princípios ético, solidários e justo.

Palavras chaves: educação problematizadora, Ciências da Religião, inclusão.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema resulta de discussões e reflexões ocorridas no curso de mestrado em Ciências da Religião que nos instigou a desenvolver um pensamento crítico e autônomo acerca do fenômeno religioso.

O tema será desenvolvido com base nas mudanças ocorridas no âmbito das propostas do ensino religioso, tanto no sentido histórico que situa a sociedade em determinado tempo e espaço, bem como nos princípios propostos por Paulo Freire no Livro *Pedagogia do Oprimido*.

Entendemos que a concepção de homem expressa por Freire na obra *Pedagogia do Oprimido* tem conexões significativas com o Ensino Religioso num contexto da ciência da Religião. “a Ciência da Religião deve desempenhar um papel como “disciplina de referência”.” (Usarski in Sena, 2007, p.51).

Acreditamos que a visão emancipatória e crítica abordada por Paulo Freire podem se relacionar ao ensino religioso através de práticas de ensino que superem a perspectiva dogmática e catequética, isso significa refletir uma proposta que contemple o desenvolvimento de um pensamento crítico, dialogando com as diferenças de forma ampla, irrestrita e respeitosa.

A prática pedagógica dialógica, tão bem pautada por Paulo Freire, exige uma relação crítica e construtiva entre educadores e

¹ Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco; Professora da FASC /UNIESP; Técnica Educacional da Prefeitura do Recife e Pedagoga na SEDUC.

² Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, professora formadora da Rede Municipal do Recife.



educandos com seus respectivos universos culturais. Também no caso do ER, o ato de ensinar não significa transferir conhecimento religioso, mas assumir a religião como um dado a ser conhecido como parte da apreensão da realidade, da formação do sujeito e da responsabilidade para com a sociedade. (Passos in Sena, 2007, p.39)

Antes de refletirmos os pressupostos freirianos iremos discorrer sobre uma visão geral dos modelos de ER, objetivando situar as práticas de ensino religioso numa perspectiva problematizadora defendida por Freire e que encontra respaldo no modelo das Ciências da religião.

Assim podemos considerar a educação inclusiva na medida que integra pressuposto teórico na direção da formação de sujeitos capazes de refletir uma realidade heterogênea, não só pela deficiência, e sim, por diversidades: culturais, crenças, raças, gêneros e tantas outras que compõe a realidade das escolas.

A autêntica inclusão não pode ser desvirtuada por uma centralidade nos meios em detrimento dos fins, pela priorização de conteúdos escolares e de seus modos de transmissão, deixando intacta a questão dos significados, ou do conhecimento significativo para formação do aluno, que estes, sim, devem ajudá-lo a construir representações, concepções e compreensões do mundo”. (Pires in: Martins, 2008, p.45)

O Ensino Religioso sofreu mudanças saindo do modelo catequético e dogmático para ensinar os conteúdos religiosos como princípios epistemológicos e pedagógicos, tal como proposto pelos(as) autores(as), pesquisadores(as), estudiosos(as) do assunto.

Acreditamos que a prática de ensino que se fundamenta na problematização, na curiosidade, na criticidade, na pesquisa, na dialogicidade, defendida por Paulo Freire pode contribuir com um Ensino Religioso, a partir de uma perspectiva epistemológica.

DO MODELO CATEQUETICO AO EPISTEMOLÓGICO: UMA ABORDAGEM PROBLEMATIZADORA NA VISÃO FREIRIANA

O modelo catequético que estruturou o ensino religioso serviu, no Brasil até a república como base para espiritualização, como estratégia metodológica e teórica. Conforme Passos (2007, p.29) “ainda que estejamos longe de uma legitimação dessa prática, o modelo catequético ainda subsiste em algumas práticas de ER”.

Comprendemos que o modelo catequético serviu a sociedade num contexto político de colonização, de dominação da cultura e do meio de produção, nessas condições a aliança Igreja-Estado foi fundamental para efetivar o projeto de colonização, ao mesmo tempo, que serviu para divulgar conhecimentos que ajudaram a organizar a sociedade, disseminando cultura e valores.

Esse modelo se sustentava numa visão religiosa única, a católica, seus conteúdos eram doutrinários. Suas práticas de ensino se baseia numa Escola tradicional, usa como método a doutrinação e como objetivo a expansão das igrejas.



Nesse contexto se propaga um ensino que cumpri com a responsabilidade de realizar confissões religiosas e aumentam o proselitismo e a intolerância.

Contrapondo ao modelo catequético e atendendo ao outro contexto histórico surge o modelo teológico que busca um diálogo com diversas disciplinas.

Esse modelo permite o respeito e o diálogo entre as religiões dentro de uma visão ecumênica, Os teóricos que defendem esse modelo tem convicção no sentido de nortear a formação integral do ser humano, entretanto reconhecem a conexão com as confissões de fé, de religião. De acordo com Passos:

A teologia não configura, necessariamente, conteúdos confessionais nas programações de ER, mas age, sobretudo, como um pressuposto que sustenta a convicção dos agentes e a própria motivação da ação; a missão de educar afirmada como um valor sustentado por uma visão transcendente do ser humano. (2007, p. 31)

Para um trabalho pedagógico significativo é preciso uma releitura do ensino de religião difundido por muitos séculos na educação brasileira como conteúdo doutrinário, a transmissão de valores de uma única religião, isso nos limita a uma única forma de interpretação do sagrado, levando a equívocos por não permitir uma visão múltipla do humano e sua complexidade histórica e cultural.

Entendemos a importância de considerarmos os modelos de ER que historicamente trataram sobre o componente religião nas escolas e situarmos o modelo das Ciências da Religião como aporte para defendermos um ensino religioso que liberte, que ajude os estudantes a pensarem sua realidade e a se inserir de forma crítica e participativa transformando-a, conforme Freire “O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em “círculos de segurança”, nos quais aprisione também a realidade. Tão mais radical, quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. (2005, p. 28)

A possibilidade de encarar os desafios mútuos entre Ciência da Religião e o Ensino Religioso, avançando pelo terreno epistemológico a fim de construir práticas significativas que colaborem para formação de sujeitos capazes de conviver com as diferenças e sejam promotores de práticas sociais que respeitem a diversidade e pensem de forma plural.

Falamos do compromisso do ser com o ser, do sujeito educador com o sujeito educando. Esta dinâmica interativa na admite posições defensivas, conservadoras e estáticas. Só o sujeito pode sentir-se agente consciente da ética, e assumir responsabilidade no processo, de forma deliberada, livre e espontânea.

Nessa perspectiva o modelo das Ciências da Religião possibilita a autonomia epistemológica e pedagógica do Ensino Religioso, fortalecendo e propondo novas práticas pedagógicas que possibilite ao estudante espaços reflexivos, isso significa um diálogo entre todas as religiões e crenças.

Pensar o ER no modelo das Ciências da Religião significa considerar a religiosidade e a religião como dados antropológicos e socioculturais que devem perpassar o conjunto das disciplinas escolares por necessidades cognitivas e pedagógicas, o conhecimento da religião faz parte da educação geral e contribui



com a formação completa do cidadão, devendo, no caso estar sob a responsabilidade dos sistemas de ensino e submetido às mesmas exigências das demais áreas de conhecimento que compõem os currículos escolares”.(PASSOS 2007, p.32)

As Ciências da Religião pode integrar as bases teóricas e metodológicas que sustentam a dimensão religiosa nos variados tipos e manifestações articulando com a discussão sobre educação.

A religião, então passa a ser um elemento integrante às demais áreas que compõe o currículo, dessa maneira contribui de forma ampla para o desenvolvimento de valores, de conhecimentos éticos, necessários para a formação de todos e todas. “Portanto nesse modelo não afirma o ensino da religião como uma atividade cientificamente neutra, mas com a clara intencionalidade educativa, postulada a importância do conhecimento da religião para a vida ética e social dos educandos” (Passos in Sena, 2007.p.32)

Nesse contexto há de se buscar uma visão transreligiosa, ou seja que supere a defesa por uma determinada religião ao mesmo tempo que supere a visão antropológica, teológica. O entendimento desta visão transreligiosa vai ao encontro da perspectiva epistemológica que avança buscando compreender o ser humano de forma integral.

ENSINO RELIGIOSO NUMA PERSPECTIVA PROBLEMATIZADORA

O modelo das Ciências da Religião se fundamenta numa visão de mundo transreligiosa, a partir de uma sociedade secularizada, tendo como objetivo a educação do cidadão e se afina a uma concepção pedagógica construtivista que entende o ensino e a aprendizagem como um processo contínuo, constante e cumulativo.

De acordo com Passos (2007, p. 33) “ O estudo da religião na mesma sequência e intensidade das demais disciplinas visa à educação dos sujeitos para viver responsabilmente em sociedade.

O ER que sai do eixo dogmático e catequético avança numa perspectiva teológica, compreende a necessidade de outros conhecimentos, ou seja, de diversas disciplinas para entender o fenômeno religioso, nos projeta numa perspectiva humana que promova a formação de sujeitos autônomos, que aprendem a pensar criticamente sobre sua realidade, buscando transformá-la. Para Freire, (2005, p.46),

“A pedagogia do Oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá momentos distintos O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com sua transformação; o segundo em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação”.

Podemos entender responsabilidade das instituições quanto à proposição de práticas pedagógicas a partir de uma dimensão crítica que assegure maior competência na busca de conteúdos e metodologias que nos permitam interferir eficientemente na realidade da escola, pois a diversidade de crenças, cultura, raça, e tantas outras nos coloca frente ao desafio de educar para o respeito, a justiça e a solidariedade.



Nesse contexto entendemos a relevância do ER a partir de uma proposta que favoreça o desenvolvimento integral do ser humano, que rompe com tradições para contribuir com a formação de cidadãos ativos, sujeito críticos capazes de se inserir no mundo e contribuir para uma sociedade justa, “entendemos que o ensino religioso confere qualidade a educação de todos e todas as estudantes na medida em que amplia a visão de mundo, de homem e de sociedade de modo que colabora com a formação de todos numa perspectiva emancipatória.” (Freire, 2005, p.86)

É importante ensinar religião como componente curricular, pois tem acumulado conteúdos históricos e culturais que não se pode negar, tão pouco colocá-lo em posição menor frente a outros componentes para Freire, “A reconstrução da sociedade, que não se pode fazer mecanicistamente, tem, na cultura que culturalmente se refaz, por meio desta revolução o seu instrumento fundamental”. (2005, p.181).

O entendimento de práticas de ensino sobre uma abordagem problematizadora nos permite um ER que rompe com o modelo catequético e com o teológico, tal como explicitado anteriormente e nos remete ao contexto de um modelo das Ciências da religião.

A educação que pretende libertar os homens não pode prescindir de uma educação questionadora, problematizadora que propõe a formação de sujeitos ativos que diz suas próprias palavras, não é possível dizer suas próprias palavras a partir das palavras do outro, portanto professores e alunos são sujeitos na condição de homem que pensa o mundo, se faz e se refaz a partir dele, isso torna professores e alunos sujeitos autônomos, reflexivos e transformadores.

Ao contrário da “bancária”, a educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua intencionalidade, nega os comunicados e existência a comunicação. Identifica-se com o próprio da consciência que e sempre ser consciência de, não apenas quando se intenciona a objetos, mas também quando se volta sobre si mesma, no que Jaspers chama de “cisão”. Cisão em que a consciência é consciência de consciência. (FREIRE, 2005, p.77),

O educador progressista reflete sua prática além da transmissão de conteúdos e de uma relação autoritária entre educador e educando. Para Paulo Freire:

a educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo (FREIRE, 2005, p.82)

O caráter crítico e não neutro da educação nos permite refletir constantemente sobre nossas práticas, procurando renová-las afim de que se possa atender aos objetivos e fins de uma educação que se propõe emancipatória.

a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (Freire 2005, p. 81)



O ensino que não se propõe a mudança tem no seu bojo uma concepção de educação bancária e tradicional, acreditamos que uma educação problematizadora que se revela através de práticas reflexivas e questionadoras contribuem para formação de sujeitos autônomos, capazes de entender a si mesmo, as relações dele com o outro e com o mundo.

Segundo Paulo Freire (2005, p.86), para uma educação problematizadora”, enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos a dominação lutem por sua emancipação.

A perspectiva problematizadora de Freire e epistemológica das Ciências da Religião em consonância com os Parâmetros Curriculares nos referencia, nos dar caminhos para organizar o ER, considerando as dimensões lingüísticas e culturais dos sujeitos envolvidos, além de observar o saberes trazidos pelos estudantes, é fundamental considerar a formação religiosa dos estudantes para planejar o ER de forma a atender as diferenças individuais de saberes e experiências.

Na direção dos Parâmetros Curriculares a visão de ensino na perspectiva problematizadora expressa por Freire na pedagogia da Oprimido se interligam. Dessa forma pretendemos discorrer sobre os princípios freirianos abordados na obra Pedagogia do Oprimido e os pressupostos que integram os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para Freire (2005) sem diálogo crítico e libertador não é possível a libertação dos homens. Para superar a relação opressora – oprimido é importante valorizar o outro como promotor da liberdade, sendo cada um responsável por ela.

O dialogo que liberta não pode ser apenas pra informar ou pra dizer de forma unilateral, o diálogo que liberta tem que permitir que todos e todas digam, a partir dos seus saberes. Essa dimensão do diálogo se relaciona com a dimensão lingüística prevista nos Parâmetros Curriculares.

Os Parâmetros Curriculares – FONAPER (Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso) considera importante o estudo dos conhecimentos religiosos na escola laica, baseado em princípios científicos, estéticos, éticos, culturais e lingüísticos, objetiva à formação de cidadãos e cidadãs capazes de compreender as diferenças individuais e respeitá-las, perceber elaborar e diferenciar tanto elementos do religioso e do não religioso, que integram e estabelecem interfaces com os conteúdos históricos e culturais da humanidade.

Assim, o reconhecimento e a convivência entre matrizes culturais diferentes no contexto multicultural se configuram como um dos desafios fundamentais para a construção da democracia e da justiça social, uma vez que em todas as sociedades democráticas vem crescendo a sensibilidade para com as liberdades de consciência e de religião. (Fleuri in Pozzer, 2015.p.42)

Os pressupostos propostos pelos PCN’S norteadores de práticas de ensino Religioso numa perspectiva emancipatória entende o estudante como sujeito de direito de aprendizagem e percebe sua formação numa visão humanística, contrario a qualquer opressão, contrário a consciências alienadas, ao ensino bancário e dirige a prática pedagógica na direção problematizadora.

“O que nos parece indiscutível e que, se pretendemos a libertação dos homens não podemos começar por aliená-lo ou mantê-los alienados. A libertação autentica, que é a humanização em



processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca e mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Segundo Freire, 2005, p.77)

O ER é um componente curricular que integra a formação dos cidadãos e cidadãs num contexto social que exige cada vez mais, aprendizagens significativas, que possibilite a todos e todas desenvolverem suas potencialidades de tal forma que seja possível conviver com a diversidade e complexidade humana, tendo abertura para perceber o sagrado como existentes no processo histórico e cultural.

As práticas de Ensino Religioso precisam fundamentar o ensino na compreensão do ser, sendo este responsável por si e pelo o outro, não se pode ser mais sem a preocupação do ser mais do outro, a compreensão do mundo a partir das relações entre o ser individual na relação com seus semelhantes e com o mundo, isso situa a compreensão de Freire sobre a perspectiva de ensino numa abordagem problematizadora.

Segundo Freire (2005,p.79) Quanto mais se problematizam os educando, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados compreendem o desafios na própria ação de captá-lo. Mas, precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a torna-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada.

Temos muito o que discutir em relação a defesa de um ensino que considere os estudantes como sujeitos criativos e críticos, que propõe uma educação que supere a tradição de transferir conteúdos, de entender o professor como único detentor do saber, que usa o método como único e uniforme, pois a realidade nos impõe a importância de educar para a autonomia de refletir, para transformar informações em conhecimento, isso significa uma fazer e um refazer constante, significa construir valores que vão na perspectiva humana, contra o acirramento das competições, separações, segregações.

“Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao ser mais, a humanização dos homens. E esta como afirmamos no primeiro capítulo, é a sua vocação histórica, contra-ditada pela desumanização que, não sendo vocação, é viabilidade, constatável na história. E, enquanto viabilidade, deve aparecer aos homens como desafio e não como freio ao ato de buscar”. (FREIRE, 2005, p. 86)

Acreditar numa educação problematizadora caminha na formação de valores éticos, de justiça e solidariedade aproxima os sujeitos, torna todos e todas responsáveis pela construção de uma sociedade que agrega, inclui e humaniza.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o tema proposto resultou numa visão mais definida sobre o ensino religioso. Pudemos perceber o quanto a abordagem problematizadora entendida por Paulo freire apóia o ensino religioso e o projeta para uma formação de cidadania plena isso necessariamente prescinde da condição ética do direito. “A ética da inclusão é um imperativo do direito a cidadania, e fundamenta-se no direito as pessoas com necessidades educativas especiais têm de tomar parte ativa na sociedade com oportunidade iguais a da maioria da população”.(Pires in Martins, p.47)

Tratar esse tema significa não só observar o fenômeno religioso sobre a bases das Ciências da religião promover uma educação com um sujeito integral. Sustenta a necessidade desse componente não só pela disseminação do conhecimento histórico e cultural como também pela possibilidade de ajudar os estudantes a refletirem sobre seu lugar no mundo, valorizando a si mesmo e ao outro, compreendendo a si mesmo e ao outro numa relação de horizontal, onde não exista perdedores e ganhadores, opressores e oprimidos.

Essa perspectiva de entender o ensino Religioso parece utópica, mas se não formos capazes de nos projetar no sentido de transformar o mundo que temos num mundo que queremos perdemos nossa essência humana, pois somos seres históricos, e por conseguinte somos dinâmicos.

Entendemos tal como Freire a inconclusão, o inacabamento e a incompletude do ser, dessa forma acreditamos na possibilidade da educação comprometida com o desenvolvimento de todos e todas, a partir do ensino que não transferi conhecimentos, mas contextualiza os conteúdos e problematiza-os, permitindo que todos e todas se tornem mais, que busquem ser mais.

É nessa expectativa de transformação dos homens, porque são históricos que acreditamos num ensino religioso que contribua com a formação de cidadãos plenos, sujeitos de direitos que defendam uma sociedade justa, ética e inclusiva.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Targélia de Souza. “Gestão Paulo Freire: a ousadia de democratizar a “educação na cidade” de São Paulo (1989-1991). In: Souza, Ana Inês (org). **Paulo freire: vida e obra**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394. Brasília: Senado Federal, 1996.

_____. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

_____. Resolução Nº 4 de 2 de outubro de 2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.

FONAPER. Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Religioso. São Paulo, Mundo Mirim, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

Martins, Lucia. Inclusão compartilhando Saberes. In:_____(Org.). Rio de Janeiro , vozes, 2008.

Oliveira, Lilian. Ensino Religioso no Ensino Fundamental. In ____Org.). São Paulo, Cortez 2007.

Pozzer, Adecir, Ensino Religioso na Educação básica: fundamentos Epistemológicos e curriculares. In ____ (Org.). Florianopolis, Saberes em Diálogos. 2015.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 A 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

Sena, Luzia (org). **Ensino Religioso e Formação Docente**. .2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

SACAMOTO, Cleusa e SILVEIRA, Isabel. **Como Fazer Projetos de Iniciação Científica**. São Paulo: Paulus, 2014.

